

## A filosofia histórica contra a metafísica essencialista

Átila Brandão Monteiro\*

**Resumo:** Este artigo trata de aspectos fundamentais da crítica nietzschiana sobre a metafísica essencialista, buscando enfatizar a introdução do ponto de vista histórico na consideração dos problemas filosóficos e a crítica epistêmica dele derivada. Tais críticas incidem de forma incisiva sobre os pressupostos irrefletidos que, segundo Nietzsche, tornaram possível a metafísica, a partir de certas crenças como a ideia de incondicionado ou de uma racionalidade autônoma. O objetivo, portanto, é mostrar como a filosofia histórica de Nietzsche empreende uma polêmica com as filosofias metafísicas, inicialmente enfatizando elementos que tangem aos aspectos epistêmicos destas, mas que geram, igualmente consequências éticas e existenciais.

**Palavras-chave:** Nietzsche; filosofia histórica; metafísica; verdade.

### The historical philosophy against the essentialist metaphysics

**Abstract:** This paper discusses fundamental aspects of Nietzsche's critique of essentialist metaphysics, seeking to emphasize the introduction of the historical point of view in the consideration of philosophical problems and the epistemic criticism derived from it. Such criticisms are incisively focused on the unthinking assumptions that, according to Nietzsche, made metaphysics possible, from certain beliefs such as the idea of unconditioned or autonomous rationality. The goal, therefore, is to show how Nietzsche's historical philosophy engages a polemic with metaphysical philosophies, initially emphasizing elements that touch upon the epistemic aspects of those, but which also generate ethical and existential consequences.

**Keywords:** Nietzsche; historical philosophy; metaphysics; truth.

### Introdução

Nietzsche entende que para superar a metafísica faz-se necessário um olhar histórico, uma análise que empreenda “um movimento para trás”, pois acredita que temos de compreender “a justificação histórica e igualmente a psicológica” de tais representações (metafísicas) e reconhecer “como se originou delas o maior avanço da

---

\* Professor Substituto da UECE – Doutorando UFC. Contato: [atilabmonteiro@gmail.com](mailto:atilabmonteiro@gmail.com).

humanidade”<sup>1</sup>. É preciso perceber que somente a partir dos desdobramentos do pensamento metafísico é que se tornou possível entender seus próprios equívocos e, na medida em que a ciência e a história possam nos auxiliar nesta tarefa, dar um passo adiante no conhecimento do mundo. Sem este movimento, diz o filósofo, “nos privaríamos do melhor que a humanidade produziu até hoje”<sup>2</sup>, e afirma que não é uma posição vantajosa considerar a metafísica filosófica como algo desprezível, como um erro qualquer. É preciso não apenas libertar-se dela, mas igualmente *superá-la*. Esse parece ser o desafio ao qual o filósofo se propõe enfrentar, pois acredita que “devemos olhar a partir do último degrau da escada, mas não querer ficar sobre ele”, e entende que “os mais esclarecidos chegam somente ao ponto de se libertar da metafísica e lançar-lhe um olhar de superioridade; ao passo que aqui também, como no hipódromo, é necessário virar no final da pista”<sup>3</sup>. Com efeito, ao olhar da filosofia histórica, a metafísica passa a ser uma grandiosa e multifacetada matéria prima que revela uma infinita variedade de coisas acerca da humanidade e do desenvolvimento da razão. Superá-la parece ser, para Nietzsche, tomar conhecimento de seu devir histórico e da fragilidade de seus próprios pressupostos e, partindo de tal constatação, construir um novo tipo de conhecimento mais seguro e rigoroso, baseado na retidão científica e na descrição histórica.

No intuito de explorar a crítica de Nietzsche à verdade da metafísica, me concentrarei principalmente nas reflexões desenvolvidas pelo filósofo em *Humano, Demasiado Humano*. Esta obra em especial é explicitamente uma declaração de guerra contra a metafísica e suas verdades grandiosas e encantadoras. Diferentemente dos métodos tradicionais das filosofias metafísicas e dogmáticas, aqui se valoriza a história e as ciências empíricas com seus métodos rigorosos, a filosofia mesma deve ser histórica e “não se pode mais conceber como distinta da ciência natural” sendo “o mais novo dos métodos filosóficos”<sup>4</sup>. Há também, e isso é importante ressaltar, uma “estima das verdades desprezíveis” que são “achadas com método rigoroso”<sup>5</sup>. Em outras palavras, Nietzsche pretende se utilizar das ciências e da história como armas para o combate com a metafísica, promovendo uma crítica que tem por objetivo solapar os edifícios metafísicos a partir da exposição da historicidade dos valores sobre os quais tais edifícios

---

<sup>1</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres*, §20.

<sup>2</sup> *Ibidem*.

<sup>3</sup> *Ibidem*.

<sup>4</sup> *Ibidem*, §1

<sup>5</sup> *Ibidem*, §3

foram erigidos e também da necessidade psicológica ou moral dos mesmos. Assim, interessa a Nietzsche igualmente a dissecação psicológica tal como fizeram os *moralistes* franceses, mestres “da sentença psicológica”<sup>6</sup> e do “estudo da alma”<sup>7</sup>, no intuito de apontar que mesmo nosso modo de pensar, sentir e julgar são constituídos historicamente e podem ser explicados.

Tudo isso somado, o filósofo pretende conseguir resultados modestos, mas guiados por um método rigoroso, ou seja, verdades despreziosas, mas firmes, ao contrário da busca pela verdade empreendida pelas filosofias metafísicas cujos resultados seriam, a seu ver, exagerados. A crítica da verdade aqui é feita em nome da própria verdade: guiado por uma vontade de verdade, a expectativa de Nietzsche é que, afastando as nuvens nebulosas da metafísica, as “pequenas verdades” apareçam e possam colhidas pela filosofia histórica. Acerca do estatuto dessas pequenas verdades discutirei adiante, mas é válido ressaltar que estas, em virtude da desconstrução da metafísica empreendida por Nietzsche, não podem ser consideradas no sentido comum e tradicional de uma adequação perfeita com a realidade – como correspondência com o real “em si” – em função da própria relativização histórica e antropológica e do compromisso do filósofo com a tese do devir universal. A fim de esclarecer e justificar o que pretendo afirmar neste artigo faz-se mister atentar um pouco mais detalhadamente ao modo como o filósofo procede.

### **A consideração histórica dos problemas filosóficos**

De início é válido ressaltar que este modo de proceder se seguirá nos escritos do filósofo até *A Gaia Ciência* (1882) e com algumas modificações e acréscimos até o fim de sua produção intelectual. Mas são os aforismos iniciais de *Humano, Demasiado Humano* que expõem claramente o programa da filosofia histórica empreendida por Nietzsche. Em seu entender, os problemas filosóficos são quase sempre e em quase todos os pontos, “formulados tal como dois mil anos atrás: como pode algo se originar do seu oposto, por exemplo, o racional do irracional, [...] o lógico do ilógico, [...] a verdade dos erros?”, e as filosofias metafísicas sempre resolveram essa dificuldade “negando a gênese de um a partir do outro, e supondo para as coisas de mais alto valor uma origem

---

<sup>6</sup> Ibidem, §35

<sup>7</sup> Ibidem, §36

miraculosa, diretamente do âmago e da essência da ‘coisa em si’<sup>8</sup>. Este é o modo de pensar tipicamente metafísico e o que Nietzsche denuncia é o dualismo impregnado neste tipo de pensamento que atribui uma origem “divina” e miraculosa a tudo o que é considerado bom e superior. Pode-se dizer que desta forma de pensar se originaram as mais diversas dicotomias na história da filosofia: corpo e alma, mundo verdadeiro e mundo aparente, essência e acidente, fenômeno e coisa em si, espírito e natureza, etc.

No entanto, independente do conteúdo e do contexto em que surgiram tais dicotomias um fato que se sobressai é que todas se remetem a relação incondicionado-condicionado, e é isto que interessa para Nietzsche – a ele não interessa criticar o dualismo desde “dentro” de um sistema ou concepção dualista. Nisto se revela o “defeito hereditário de todos os filósofos” da “falta de sentido histórico” que acreditam na existência de coisas incondicionadas e eternas, e que “involuntariamente imaginam ‘o homem’ como uma *aeterna veritas* [verdade eterna]” sem atentarem para o fato de que “o homem veio a ser, e que mesmo a faculdade de cognição veio a ser”<sup>9</sup>. Para Nietzsche, somente o olhar histórico e científico nos permite enxergar o erro das concepções dualistas na medida em que faz perceber que na raiz das mesmas encontram-se alguns exageros, pre-conceitos e um certo deslumbre com as conclusões resultantes daquela forma de pensar. Segundo o filósofo, o rigor da filosofia histórica constatou que:

em certos casos (e provavelmente chegará ao mesmo resultado em todos eles), que *não há opostos*, salvo no exagero habitual da concepção popular ou metafísica, e que na base dessa contraposição está um erro da razão: conforme sua explicação, a rigor não existe ação altruísta nem contemplação totalmente desinteressada; ambas são apenas sublimações, em que o elemento básico parece ter se volatilizado e somente se revela à observação mais aguda.<sup>10</sup>

O filósofo considera que o cerne da metafísica, o dualismo, é fruto de um erro da razão: a própria noção de opostos é ilógica se tomarmos o objeto da análise com mais rigor. O que deve haver são diferenças de “grau” que variam de acordo com a quantidade do elemento básico presente na situação, de modo que nunca há uma total ausência deste. Em outras palavras, só se pode falar em opostos a partir de uma consideração que não leve em conta os variados detalhes que estão em jogo: olhando de perto nada é puramente isso ou aquilo, mas sempre está como que contaminado em maior ou menor grau pelo

---

<sup>8</sup> Ibidem, §1

<sup>9</sup> Ibidem, §2

<sup>10</sup> Ibidem, §1, grifo meu.

pretensão elemento oposto. Nesse sentido, o filósofo afirma que precisamos de uma “química das representações e sentimentos morais, religiosos e estéticos”<sup>11</sup>, fazendo alusão à necessidade da retidão científica nas considerações dos problemas filosóficos.

Nietzsche deixa claro que na busca pela verdade os métodos mais rigorosos são indispensáveis e que, se não garantem o conhecimento desta, pelo menos fazem-nos enxergar os “erros milenares” das conclusões metafísicas. Neste sentido, ressalta que “é marca de uma cultura superior estimar as pequenas verdades despreziosas achadas com método rigoroso, mais do que os erros que nos ofuscam e alegram, oriundos de tempos e homens metafísicos”<sup>12</sup>. Por isso, afirma que “o filosofar histórico é doravante necessário, e com ele a virtude da modéstia”<sup>13</sup>. À filosofia metafísica geralmente faltou modéstia na investigação da verdade: com seus resultados “belos, esplêndidos, encantadores, talvez extasiantes”<sup>14</sup> que sempre souberam seduzir quem por eles se encantasse, mesmo que lhes faltasse retidão ou clareza. Por outro lado, as verdades modestas e sóbrias obtidas pela filosofia histórica, na medida em que forem arduamente conquistadas, tendem a ser mais duradouras e mais relevantes para todo o conhecimento posterior.

A partir de tais considerações, entende-se que para Nietzsche a metafísica representa um grande mal-entendido na história do pensamento e que as verdades por ela encontradas, que se pretendem absolutas, não podem ser mais do que grandiosas ilusões, “erros que nos ofuscam e alegram”<sup>15</sup>, em cujas raízes encontram-se de “maus hábitos de raciocínio”<sup>16</sup> e falta de modéstia por parte dos filósofos. No entanto, tais enganos não podem ser considerados apenas como mero desleixo ou falta de lógica por parte dos filósofos metafísicos: além da falta do rigor exigido pela filosofia histórica e “científica”, tais equívocos devem ter sido, provavelmente, condicionados pela moralidade e pela cultura. A filosofia histórica entende que o próprio modo de pensar dos seres humanos está em constante transformação, em devir, pois este sempre se baseia em *valores e sentimentos morais* a partir dos quais julga, avalia, interpreta. Tais valores, no entender de Nietzsche, não são eternos pois foram criados em algum momento e em algum lugar, vieram a ser e podem vir a deixar de ser, se transformam e dão origem a outros novos.

---

<sup>11</sup> Ibidem.

<sup>12</sup> Ibidem, §3

<sup>13</sup> Ibidem, §2

<sup>14</sup> Ibidem, §3

<sup>15</sup> Ibidem.

<sup>16</sup> Ibidem, § 30

Por conseguinte, o produto dessa forma de pensar deve ser historicamente relativizado pois se refere a uma valoração e a um modo de pensar determinado que permanece, na maioria dos casos, pelo simples hábito ou costume<sup>17</sup>.

A tarefa a que se propõe o filósofo é a de levantar hipóteses históricas acerca do surgimento dos valores morais dominantes que a seu ver constituem a base do modo de pensar e agir da civilização ocidental, com o intuito de desestabilizar certas convicções e verdades cristalizadas em cujas bases podem ser detectados tais valores. A expectativa de Nietzsche não é a de *alimentar* a suposta “necessidade metafísica” do homem, mas a de que tal necessidade possa ser *enfraquecida* ou mesmo *eliminada*<sup>18</sup>, através da demonstração da sua historicidade, da sua dependência a uma moral ou cultura espaço-temporalmente localizável cuja emergência pode ser igualmente compreendida por diversos fatores contingentes. Tal desígnio exige igualmente uma rigorosa descrição psicológica dos sentimentos morais ou “observação moral” – muito sutil, mas determinante para a compreensão acerca da origem de muitas afirmações errôneas da filosofia metafísica, incluindo aquela acerca da verdade – pois,

aí comanda a ciência que indaga a origem e a história dos chamados sentimentos morais, e que, ao progredir, tem de expor e resolver os emaranhados problemas sociológicos: – a velha filosofia não conhece em absoluto estes últimos, e com precárias evasivas sempre escapou à investigação sobre a origem e a história dos sentimentos morais. As conseqüências podem hoje ser vistas claramente, depois que muitos exemplos provaram que em geral os erros dos maiores filósofos têm seu ponto de partida numa falsa explicação de determinados atos e sentimentos humanos; que, com base numa análise errônea, por exemplo, das ações ditas altruístas, constrói-se uma ética falsa; que depois, em favor desta, recorre-se de novo à religião e à barafunda mitológica e que, por fim, as sombras desses turvos espíritos se projetam até mesmo na física e em toda a nossa consideração do mundo.<sup>19</sup>

Portanto, é graças ao filosofar histórico que podemos tomar conhecimento de que “tudo veio a ser” e que “não existem fatos eternos: assim como não existem verdades absolutas”<sup>20</sup>. É a tese do devir universal, enunciada por Nietzsche nos aforismos iniciais da obra: trata-se de uma espécie de concepção minimamente “ontológica” segundo a qual

---

<sup>17</sup> Cf. *Ibidem*, §96 e 97; Ver também: NIETZSCHE, Friedrich. *Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais*, §9

<sup>18</sup> Cf. *Ibidem*, §26: “[...] deveríamos também aprender, afinal, que as necessidades que a religião satisfaz e que a filosofia deve agora satisfazer não são imutáveis; podem ser *enfraquecidas* e *eliminadas*. [...] Uma filosofia pode ser útil *satisfazendo* também essas necessidades, ou *descartando-as*; pois são necessidades aprendidas, temporalmente limitadas, que repousam em pressupostos contrários aos da ciência.”

<sup>19</sup> *Ibidem*, §37

<sup>20</sup> *Ibidem*, §2

o cosmos mesmo está em constante vir-a-ser, sendo a mudança a única constante do universo. Tal concepção ou intuição, que se remete a Heráclito, parece ser corroborada pela investigação histórica de Nietzsche, que assume para si tal posição. Por outro lado, essa posição parece ser uma das únicas restantes na medida em que as pretensões metafísicas caem por terra, e provavelmente a menos errônea, pois se limita a afirmar algo mínimo sobre a realidade “em si” – sendo mais uma suposição ou hipótese do que uma verdade no sentido tradicional. Por conseguinte, é a posição que deve ser assumida por uma filosofia que pretende se contrapor a qualquer tipo de “necessidade metafísica” remanescente, bem como ao dogmatismo e dualismo, na medida em que recusa a ideia de incondicionado; uma filosofia tal que procura debruçar-se sobre o mundo da vida e da experiência como tal, atentando a questões geralmente ignoradas pela metafísica.

No intuito de levar a cabo a tarefa a que se propõe, Nietzsche levanta uma série de hipóteses acerca da origem da metafísica dualista e da noção de incondicionado, visando, como disse, a uma desestabilização de suas verdades. Por um lado, procura mostrar o erro de seus pressupostos, explorando a ideia de que tal concepção, especificamente da que afirma um dualismo de mundos, deve ter se originado a partir de uma má compreensão do sonho em épocas de cultura pouco desenvolvida. Nesse sentido, sugere que, em virtude da falta de conhecimento acerca dos seus estados psíquicos, o homem “nas épocas de cultura tosca e primordial” teria a ilusão de conhecer um segundo mundo real na fantasia onírica, pois “sem o sonho não teríamos achado motivo para uma divisão do mundo”<sup>21</sup>. Da mesma forma a divisão em corpo e alma deve ter semelhante motivação, pois tais homens acreditavam poder se comunicar com o espírito daqueles que morreram quando estes apareciam nos sonhos. Assim, o filósofo sugere que as verdades da metafísica são equívocos desde a raiz ao apresentar a hipótese de que a visão dicotômica do mundo e do homem – enquanto pressupostos tácitos da metafísica – sejam fruto de hábitos antiquíssimos arraigados na cultura humana, nunca rigorosamente investigados e que portanto não devem corresponder à verdade. Por seu turno, Nietzsche procura oferecer uma explicação do mecanismo dos sonhos a partir de bases científicas<sup>22</sup>, acreditando que a partir desse conhecimento a humanidade possa tomar consciência desse mau hábito de raciocínio e se livrar de tais concepções.

---

<sup>21</sup> Ibidem, §5

<sup>22</sup> Cf. Ibidem, §12 e 13

Por outro lado, procura apontar o erro das conclusões e dos métodos da filosofia metafísica dualista que pressupõe o incondicionado, na medida em que esta ignora sua raiz moral, bem como a historicidade e o devir do mundo, e entende a possibilidade de alcançar uma verdade absoluta e essencial. Neste intuito o filósofo alemão procura também argumentar no sentido de mostrar que o ser humano é *epistemologicamente limitado* e que não tem condições de alcançar o tipo de conhecimento tal como pretendido pela metafísica, mesmo que este fosse possível. Em consequência, sustenta que o próprio mundo também escapa a um tal desígnio na medida em que está em constante devir, sendo as pretensas verdades metafísicas tão somente imagens falsificadas do efetivo, erros introduzidos pelo intelecto. Vejamos em detalhe na próxima seção.

### **Ceticismo epistêmico**

Segundo Nietzsche, o modo como os filósofos quase sempre procedem em sua busca pela verdade mostra que eles se colocam diante da vida e da experiência como se esta fosse uma obra acabada, completa, cuja representação deve ser interpretada de forma correta a fim de desvendar o mistério sobre sua causa – a essência ou coisa-em-si. Ainda assim, se aceitássemos a dicotomia como algo dado ou provado, poder-se-ia pensar que entre o mundo metafísico (incondicionado) e aquele por nós conhecido (da experiência) não há qualquer relação, e que nenhuma conclusão de um a partir do outro pode ser aceita. No entender de Nietzsche, entretanto, em ambos os casos omite-se a possibilidade de que esta obra, isto é, a vida da experiência, “gradualmente veio a ser, está em pleno vir a ser, e por isso não deve ser considerada uma grandeza fixa, da qual se pudesse tirar ou rejeitar uma conclusão acerca do criador”<sup>23</sup>. Nietzsche nutre a esperança de que a ciência possa chegar à confirmar suas hipóteses e demonstrar claramente como o conhecimento e o modo como conhecermos veio a ser.

Em seu entender, o que tornou para os homens “valiosas, pavorosas, prazerosas as suposições metafísicas” e da mesma forma “tudo o que as criou”, foi apenas “paixão, erro e autoilusão; foram os piores, e não os melhores métodos cognitivos, que ensinaram a acreditar nelas.”<sup>24</sup> Acerca de um mundo metafísico só se poderia afirmar qualidades negativas como ser um ser-outro, inacessível e incompreensível; isto quer dizer que se

---

<sup>23</sup> *Ibidem*, §16

<sup>24</sup> *Ibidem*.

não dispomos de meios para conhecê-lo, tampouco o dispomos para refutá-lo. Resta-nos apenas suspender o juízo e desestabilizar a crença na possibilidade de sua existência na medida em que questionamos seus métodos e pressupostos, pois

a prova científica de qualquer mundo metafísico já é tão difícil, talvez, que a humanidade não mais se livrará de alguma desconfiança em relação a ela. E quando temos desconfiança em relação à metafísica, de modo geral as consequências são as mesmas que resultariam se ela fosse diretamente refutada e não mais nos fosse lícito acreditar nela.<sup>25</sup>

Não se pode contestar ou refutar inteiramente a própria possibilidade da existência de um mundo metafísico, pois “olhamos todas as coisas com a cabeça humana, e é impossível cortar essa cabeça”, e, no entanto, “permanece a questão de saber o que ainda existiria do mundo se ela fosse mesmo cortada”<sup>26</sup>. Atento à revolução copernicana da filosofia crítica de Kant e as críticas de Friedrich Lange a esta filosofia<sup>27</sup>, o autor de *Zaratustra* – como herdeiro dessas reflexões e assumindo uma perspectiva naturalista e histórica – entende que a nós seres humanos é vetada a possibilidade de conhecer a essência de algo no mundo, que somos seres epistemologicamente limitados a receber e organizar os dados da experiência sensível pelo intelecto, que é, no entanto, guiado por “erros fundamentais”, tais como identidade, substância, essência, identidade – tudo aquilo que se refere ao incondicionado. Estes foram gradualmente incorporados pela humanidade desde os tempos mais remotos<sup>28</sup>, mas são concebidos pela metafísica – em virtude da ausência de investigação histórica – como se fossem verdades fundamentais.

A expectativa de Nietzsche é a de que a humanidade gradualmente perca o interesse por questões metafísicas, na medida em que as ciências e a história possam explicar a gênese da moral, da religião e da arte sem intervenções metafísicas; pois “seja como for, com a religião, a arte e a moral não tocamos a ‘essência do mundo em si’; estamos no domínio da representação, nenhuma ‘intuição’ pode nos levar adiante.”<sup>29</sup>. Por outro lado, a intenção de Nietzsche é a de salientar que a falta de rigor com que opera a metafísica, juntamente com a falta de senso histórico e a ausência de questionamento dos pressupostos, tornou o homem cego às suas próprias condições epistêmicas. Em

---

<sup>25</sup> *Ibidem*, §21

<sup>26</sup> *Ibidem*, §9

<sup>27</sup> Cf. a discussão empreendida por R. Lopes, 2007, p. 27-84; que mostra a clara influência exercida pela leitura da obra *História do Materialismo* de Friedrich Albert Lange sobre o jovem Nietzsche ainda em seus anos de formação.

<sup>28</sup> Cf. NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*, § 111.

<sup>29</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres*, §10

consequência disso, abriram-se as portas do conhecimento à toda sorte de fantasias e devaneios acerca das essências, das substâncias e da coisa-em-si. Nesse sentido, o homem metafísico acabou por projetar no mundo uma imagem de si próprio, juntamente com seus preconceitos e exigências, suas superstições, seus sentimentos e paixões. Em uma palavra,

foi pelo fato de termos, durante milhares de anos, olhado o mundo com exigências morais, estéticas, religiosas, com cega inclinação, paixão ou medo, e termos nos regalado nos maus hábitos do pensamento ilógico, que este mundo gradualmente *se tornou* assim estranhamente variegado, terrível, profundo de significado, cheio de alma, adquirindo cores – mas fomos nós os coloristas: o intelecto humano faz aparecer o fenômeno e introduziu nas coisas as suas errôneas concepções fundamentais”<sup>30</sup>

É preciso ressaltar, pois, que é a partir de “erros fundamentais” que o intelecto opera. Ponto crucial na crítica da verdade metafísica, a análise acerca do *modo* como o ser humano produz o conhecimento revela que à base dos processos cognitivos da pesquisa e investigação acerca da verdade pode figurar o próprio erro – o que traz consequências bastante relevantes para a discussão acerca da verdade enquanto um tema relativo à metafísica. Isto quer dizer que tomados a rigor e historicamente, os próprios conceitos e leis que balizam o modo de pensar dos seres humanos não são “dados”, mas sim gerados, adquiridos e incorporados, e portanto não podem corresponder em absoluto às exigências de um conhecimento fundamental e essencial. O filósofo alemão entende que o mundo tal como o concebemos veio a ser *para nós*, a partir de nossa forma própria de conhecer, constituída historicamente. Tal forma carrega uma grande acúmulo e síntese de experiências de nossos ancestrais. Em outras palavras, partindo de uma concepção histórica e portanto naturalista do ser humano, Nietzsche entende que o homem tornou-se racional no decorrer de sua jornada sobre a terra e que as pretensas “leis originárias” do intelecto também vieram a ser.

Nietzsche sugere que as pretensas “leis” do sujeito cognoscente – tais como a de reconhecer cada objeto como idêntico a si mesmo e existente por si mesmo, como uma substância; e igualmente a de unidade e totalidade – se originaram provavelmente de uma tendência que surge nos organismos inferiores e é herdada ao homem na forma da *crença* de que existem coisas iguais. Essas organizações, por sua simplicidade cognitiva e por sua estupidez, perceberiam as coisas de forma grosseira e veriam apenas a mesma coisa;

---

<sup>30</sup> *Ibidem*, §16

depois, ao se tornarem mais perceptíveis os diferentes estímulos de prazer e desprazer, tais coisas seriam gradualmente diferenciadas de acordo com o grau do estímulo, pois “a nós, seres orgânicos, nada interessa originalmente numa coisa, exceto sua relação conosco no tocante ao prazer e à dor”<sup>31</sup>. Entre os estados em que sentimos há os de repouso, isto é, aqueles que não sentimos: nestes, as coisas não nos interessam e por isso não notamos a mudança nelas – se tornam idênticas a si mesmas. Desta forma, a sensação do agradável e do doloroso em relação ao sujeito que sente, prossegue o filósofo, constitui a base de toda crença; esta por sua vez forma a essência de todo juízo lógico. Portanto, a essência dos nossos juízos é formada a partir do critério nada racional de buscar o prazer e fugir da dor.

Tal hipótese nos induz a questionar duramente todo o conhecimento humano, na medida em que, mais uma vez, Nietzsche mostra que aquilo que se encontra à base não é algo tão seguro e indubitável. A própria lógica é posta em xeque com tais afirmações, pois se fundamenta em grande medida nas noções de identidade e de não-contradição, em outras palavras, “também a lógica se baseia em pressupostos que não têm correspondência no mundo real; por exemplo, na pressuposição da igualdade das coisas, da identidade de uma mesma coisa em diferentes pontos do tempo”, e isso se dá igualmente com a matemática “que por certo não teria surgido se desde o princípio se soubesse que na natureza não existe linha exatamente reta, nem círculo verdadeiro, nem medida absoluta de grandeza”<sup>32</sup>. Mesmo os números vieram a ser com base em tais erros que foram predominantes desde os primórdios, pois falam de coisas, e de igualdade entre coisas; no entanto, “a hipótese da pluralidade pressupõe sempre que existe algo que ocorre várias vezes: mas precisamente aí já vigora o erro, aí já simulamos seres, unidades, que não existem”<sup>33</sup>. Entende-se, assim, que o chamado mundo como representação ou como fenômeno é a soma de muitos erros da razão, e chega-se à conclusão de que “a um mundo que não seja nossa representação, as leis dos números são inteiramente inaplicáveis: elas valem apenas no mundo dos homens.”<sup>34</sup>. Isso não quer dizer que todo conhecimento

---

<sup>31</sup> Ibidem, §18

<sup>32</sup> Ibidem, §11

<sup>33</sup> Ibidem, §19

<sup>34</sup> Ibidem.

lógico e matemático, ou mesmo o científico que é sustentado por eles, se torna completamente inválido, mas certamente limita suas pretensões<sup>35</sup>.

Pode-se dizer que a intenção de Nietzsche é a de mostrar que todo conhecimento é antropomórfico de ponta a ponta, de que não há a possibilidade de existir um conhecimento “puro” acerca do mundo. Todo conhecimento é dependente dos “erros da razão”, pois são eles que constituem o próprio modo de pensar do ser humano e não se pode fugir a isto. Estamos condenados ao mundo como representação, mas como uma representação que não possui um suporte ontológico ou uma “coisa em si” que podemos inferir a partir deste; uma representação que é fruto de nossa própria criação cognitiva. Por conseguinte, o filósofo acredita que a ciência deverá mostrar todas essas concepções errôneas a partir de um estudo minucioso acerca das origens do conhecimento. Em uma palavra:

Todas essas concepções [metafísicas] serão decisivamente afastadas pelo constante e laborioso processo da ciência, que enfim celebrará seu maior triunfo numa história da gênese do pensamento, que poderia talvez resultar na seguinte afirmação: *o que agora chamamos de mundo é o resultado de muitos erros e fantasias que surgiram gradualmente na evolução total dos seres orgânicos e cresceram entremeados, e que agora herdamos como o tesouro acumulado do passado* – como tesouro: pois o valor de nossa humanidade nele reside.”<sup>36</sup>

Tal acúmulo de experiências e interpretações de nossos antepassados que constituem tais erros e fantasias estão enraizados nas diversas culturas e morais de forma tal que constituem quase um “*a priori*” da humanidade, formando pressupostos não questionados ou sequer concebidos. Despido destes erros, o ser humano se perderia na torrente incessante do mundo em eterno devir, não seria capaz de conhecer absolutamente nada, se perderia no caos total. Por isso, é em tais erros que está o valor de nossa humanidade: são eles que nos tornam humanos e nos possibilitam continuar a viver nesse mundo. Eles são a nossa mais legítima herança e a síntese de diversas vivências dos homens. Por isso não são meros e desprezíveis erros, mas sim o que há de mais importante

---

<sup>35</sup> Para um melhor entendimento da hipótese sobre a origem do lógico a partir do ilógico, cf. NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*, §111; onde Nietzsche argumenta que a lógica deve ter surgido por uma necessidade de sobrevivência do homem primitivo, uma vez que aquele indivíduo que, por exemplo, “não soubesse distinguir com bastante frequência o ‘igual’ no tocante à alimentação ou aos animais que lhe eram hostis, isto é, quem subsumisse muito lentamente, fosse demasiado cauteloso na subsunção, tinha menos probabilidades de sobrevivência do que aquele que logo descobrisse igualdade em tudo o que era semelhante. Mas a tendência predominante de tratar o que é semelhante como igual – uma tendência ilógica, pois nada é realmente igual – foi o que criou todo fundamento para a lógica”.

<sup>36</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres*, §16. grifo meu.

na humanidade: são erros necessários. Pois os erros tornaram “o homem profundo, delicado e inventivo a ponto de fazer brotar as religiões e as artes”<sup>37</sup>, isto é, algumas das coisas mais grandiosas e admiráveis criadas pelo ser humano. Assim, Nietzsche entende que “não é o mundo como coisa em si, mas o mundo como representação (como erro) que é tão rico em significado, tão profundo, maravilhoso, portador de felicidade e infelicidade”<sup>38</sup>.

Porém, uma tal conclusão forçosamente “leva a uma filosofia da negação lógica do mundo”<sup>39</sup>, a medida que afirmamos viver e pensar sempre com base em erros. Por conseguinte podemos perguntar: mas se também a ciência rigorosa e a história estão submetidas a tais erros, em que medida pode-se falar de verdade? Existe alguma verdade para além do erro? Partindo da concepção do devir do mundo a que fiz alusão anteriormente, entende-se que nenhuma proposição pode satisfazer a condição básica da concepção de verdade como correspondência ou como adequação com o real “em si”, na medida em que a realidade é concebida como fluxo constante que sempre escapa à qualquer tentativa de categorização e fixação rígida. No entanto, a esperança de Nietzsche parece ser a de que a história e as ciências empíricas possam nos livrar de um “erro maior”, uma vez que buscam se aproximar desta concepção do real (dinâmica) em suas investigações, gerando falsificações provavelmente menos danosas da efetividade. Ajudam igualmente na medida em que nos mostram que partimos de erros fundamentais e que sabemos quais são e que assim o são, e conseqüentemente, que podemos conceber um conhecimento menos errôneo, que estivesse mais próximo do efetivo, mas sempre no âmbito da probabilidade<sup>40</sup>. Em outras palavras, a verdade que se chega é a negação de toda verdade metafísica, na medida em que esta se concebe enquanto saber acerca do incondicionado. A verdade a que Nietzsche chega é a de tomar consciência de que partimos de erros e dependemos fundamentalmente deles em nosso conhecimento; é a verdade acerca da natureza da verdade em geral que aqui se mostra. De acordo com Nietzsche:

---

<sup>37</sup> Ibidem, §29

<sup>38</sup> Ibidem.

<sup>39</sup> Ibidem.

<sup>40</sup> Cf. R. Lopes, 2007, p. 294: “Nietzsche reconhece que é possível hierarquizar logicamente nossos enunciados sobre a realidade em termos de maior ou menor probabilidade de erro: as proposições teóricas das ciências, na medida em que se aproximam idealmente de uma concepção puramente dinâmica do real, falsificam menos a realidade do que as proposições do senso comum e da metafísica substancialista. Mas haverá sempre um resto, pois a intuição do devir não comporta incorporação (no sentido biológico) nem tampouco uma tradução nos termos da linguagem conceitual”.

Desse mundo da representação, somente em pequena medida a ciência rigorosa pode nos libertar – algo que também não seria desejável –, desde que é incapaz de romper de modo essencial o domínio de hábitos ancestrais de sentimento; mas pode, de maneira bastante lenta e gradual, iluminar a história da gênese desse mundo como representação – e, ao menos por instantes, nos elevar acima de todo o evento. Talvez reconhecamos então que a coisa em si é digna de uma gargalhada homérica: que ela parecia ser tanto, até mesmo tudo, e na realidade está vazia, vazia de significado.<sup>41</sup>

Com efeito, a liberdade que a ciência rigorosa pode nos proporcionar é a de tomar conhecimento de que partimos de pressupostos ilógicos em nossa pesquisa da verdade – e também a de saber que pode-se evitar alguns deles – à medida que pode iluminar a história e a origem da forma segundo a qual construímos esse mundo tal como o conhecemos, isto é, da forma como o próprio intelecto humano introduziu tais conceitos a partir de preconceitos e crenças. Esta visão pode proporcionar uma elevação no espírito daquele que a concebe a medida que ele entende poder enxergar além. No entanto, o próprio filósofo entende que não seria desejável estar totalmente liberto pois entende que o ser humano pereceria caso fosse totalmente privado de suas antigas ferramentas com as quais constrói simultaneamente o conhecimento e o mundo; pois, como poderíamos viver tendo consciência, a cada segundo, da inverdade fundamental de nosso conhecimento? Desta forma, permanece a hipótese, não totalmente comprovada, de que tal essência ou coisa em si não deve ser nada mais que algo vazio, provavelmente introduzida pelo intelecto a partir dos mesmos mecanismos.

Isto leva o filósofo alemão a afirmar que o próprio conhecimento, assim como a verdade e como todos os juízos acerca do valor da vida, são injustos pois se desenvolveram illogicamente. Entende que “entre as coisas que podem levar um pensador ao desespero está o conhecimento de que o ilógico é necessário aos homens e que do ilógico nasce muita coisa boa” e que há no homem uma “ilógica relação fundamental com todas as coisas”<sup>42</sup>. Ora, para o homem comum, desprovido de consciência intelectual<sup>43</sup>, tomar conhecimento deste fato não fará a menor diferença, ele continuará fazendo as suas coisas e realizando suas atividades cotidianas e não se afetará. Mas para o homem contemplativo, para o filósofo, para aquele que busca a verdade, tomar consciência disso é um duro golpe, pois ele se vê frustrado na medida em que vê seus esforços racionais se chocarem contra a ilogicidade própria da natureza humana e também em perceber que é

---

<sup>41</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres*, §16

<sup>42</sup> *Ibidem*, §31

<sup>43</sup> Cf. a discussão sobre consciência intelectual em NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*, §2

preciso levá-la em conta em vez de simplesmente tentar removê-la de tudo o que é humano. O ilógico “se acha tão firmemente alojado nas paixões, na linguagem, na arte, na religião, em tudo o que empresta valor à vida, que não podemos extraí-lo sem danificar irremediavelmente essas belas coisas.”<sup>44</sup>. Em tudo que é vital para o ser humano encontra-se o ilógico, mesmo na verdade.

Temos que todos os nossos juízos são injustos e ilógicos. E o são por dois fatores: tanto o ser humano quanto o mundo que ele pretende conhecer não se tratam de grandezas fixas, completas, unitárias. Tomemos os juízos sobre o valor da vida como exemplo: primeiramente o material que se nos apresenta é muito incompleto, não temos como conhecer a vida em toda a sua extensão e por mais que cheguemos a uma soma a partir das partes que dispomos não conseguiremos uma percepção muito melhor desse material, até porque mesmo cada parte destas que dispomos é o resultado de um conhecimento que também não é exato. Em segundo lugar, porque nosso próprio ser – a medida com que medimos o mundo – não é uma grandeza imutável, pois está sujeito a oscilações e disposições. Portanto, sempre que tomamos algo por verdadeiro, ou sempre que investigamos alguma coisa e pensamos ter conhecimento sobre aquilo, estamos sendo injustos na medida que nos baseamos em conceitos ilógicos que contrariam a própria razão.

### **Considerações finais**

Tomando consciência do caráter ficcional de todas as nossas verdades, poderíamos nos resignar a não mais julgar ou avaliar qualquer coisa no mundo. Deveríamos talvez suspender o juízo ao modo de Pirro, o cético, e tentar alcançar a *ataraxia*, negando a possibilidade de afirmarmos algo como verdadeiro. Mas, para Nietzsche, isso é impossível, ou pelo menos improvável, e por isso a filosofia histórica não é cética, a não ser parcialmente. Como poderíamos viver sem a verdade? Não viveríamos: ela é um dos erros fundamentais. Pelo contrário, inventaríamos ou tomaríamos algo por verdadeiro mesmo sem a justa certeza de sua possibilidade absoluta, como já fazemos desde sempre. Em outras palavras, não se pode viver sem avaliar, sem tomar algo por verdadeiro, por bom, por mau, mesmo que isso vá contra a lógica, pois é

---

<sup>44</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres*, §31

uma necessidade fundamental do ser humano. É algo que comanda desde uma necessidade orgânica, na medida em que este, desde o nível mais básico, possui inclinações e aversões que constituem o grau mais elementar do juízo. Pois,

Um impulso em direção ou para longe de algo, sem o sentimento de querer o que é proveitoso ou se esquivar do que é nocivo, um impulso sem uma espécie de avaliação cognitiva sobre o valor do objeto, não existe no homem. De antemão somos seres ilógicos e por isso injustos, e capazes de reconhecer isto: eis uma das maiores e mais insolúveis desarmonias da existência.<sup>45</sup>

Com efeito, “o erro acerca da vida é necessário à vida”<sup>46</sup>, pois é a partir do erro que nos encontramos como seres humanos habitantes deste mundo. A inverdade está nos juízos sempre precipitados e parciais que emitimos acerca das coisas que nos rodeiam. Para Nietzsche, “toda a vida humana está profundamente embebida na inverdade”<sup>47</sup> e, nesse sentido, uma “pura verdade” seria até mesmo hostil à vida, pois seria contrária as nossas exigências vitais na medida em que levasse em conta, por exemplo, parâmetros com os quais não estamos adaptados. No entanto, o mínimo que ainda podemos saber, isto é, as “pequenas verdades” que devemos estimar são, por um lado, a de que somos capazes de reconhecer nossa condição epistêmica a partir de um rigor maior numa análise que leve em conta fatores ignorados pelas investigações anteriores; por outro, a de reconhecer que as pretensas verdades sobre o incondicionado não são possíveis e que mesmo a ideia de incondicionado é errônea e impossível, e ainda a de tomar conhecimento do devir e da desarmonia do mundo. Apesar disso, este não deixa de ser um conhecimento amargo pois o móbil da atividade filosófica é a busca pela verdade e nessa empresa nos deparamos com a mentira, com a ilusão, com o engano.

Ainda assim é um conhecimento necessário, pois há um ganho reflexivo em ter consciência que a verdade é fruto de juízos ilógicos fundamentais, que remetem ao nível do organismo – outro golpe duro desferido contra a metafísica. Admitindo que os motivos que o conhecimento adota como critérios são unicamente o prazer e o desprazer, ou o proveitoso e o nocivo, fica a questão de como tais motivos podem se harmonizar com o “senso de verdade”, se tais critérios poderiam finalmente constituir algo firme que garanta pelo menos algum tipo de verdade. Mas vemos que eles também se ligam a erros a medida que a inclinação ou a repulsa por algo – que determinam o prazer e o desprazer – são

---

<sup>45</sup> Ibidem, §32

<sup>46</sup> Ibidem, §33

<sup>47</sup> Ibidem, §34

medidas igualmente injustas e precipitadas do próprio organismo, em virtude dos motivos que já expusemos antes, isto é, da limitação daquele que julga e do caráter indeterminado e multifacetado daquilo ou daquele que é julgado/avaliado. Isto nos leva a entender que, à revelia de toda pretensão metafísica e contrariamente às nossas aspirações íntimas, todo o nosso conhecimento – bem como a verdade – é essencialmente condicionado, tanto por nossas idiossincrasias quanto pelo aspecto temporal e histórico das coisas que nos dispomos a conhecer. Em suma, tanto o “sujeito” quanto o “objeto” estão submetidos ao devir e toda e qualquer pretensão de conhecimento sobre um ou outro está fadada, não a uma impossibilidade, mas a uma limitação radical. Isto é muito importante para Nietzsche e permanecerá até o seu pensamento maduro, com algumas diferenças quanto ao critério do prazer/desprazer.

A questão que permanece após as desconstruções empreendidas pela filosofia histórica é fortemente ético-existencial na medida em que leva a seguinte indagação: é possível, para um filósofo ou para aquele que se dedica a vida contemplativa, tendo conhecimento disto, “permanecer conscientemente na inverdade? Ou, caso tenhamos de fazê-lo, não seria preferível a morte? Pois já não existe ‘dever’; a moral, na medida em que era ‘dever’, foi destruída por nossa maneira de ver, exatamente como a religião”<sup>48</sup>. Neste caso, nos “restaria apenas um modo de pensar que traz o desespero como conclusão pessoal e uma filosofia da destruição como conclusão teórica?”<sup>49</sup>, ou teríamos outra escolha? O fato é que diante de tais considerações disruptivas a respeito de uma poderosa e influente tradição de cultivo da verdade, como é a tradição metafísica, não se tem clareza acerca das escolhas possíveis, de algum caminho seguro, pois a própria segurança foi colocada em xeque juntamente com a verdade. O que parece contar em um primeiro momento é o temperamento daquele que detém este conhecimento, sua capacidade afetiva e intelectual de lidar com a dúvida e a incerteza e do risco de permanecer nelas por longo tempo. Ao mesmo tempo a questão ganha outros contornos quando o elemento vital é colocado na mesa, ao percebermos a importância e o perigo da verdade metafísica para a vida. Este será justamente o desdobramento da crítica histórica nas obras posteriores de Nietzsche em direção à crítica genealógica.

---

<sup>48</sup> Ibidem.

<sup>49</sup> Ibidem.

**Referências bibliográficas**

LOPES, Rogério. *Ceticismo e Vida Contemplativa em Nietzsche*. 2008. 573 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – FAFICH/UFMG, Belo Horizonte, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência* (Trad. Paulo César de Sousa). 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

\_\_\_\_\_. *Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais* (Trad. Paulo César de Sousa). São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

\_\_\_\_\_. *Humano, Demasiado Humano: um livro para espíritos livres* (Trad. Paulo César de Sousa). São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

*Recebido em 24/09/2019*

*Aprovado em 08/05/2020*